

**CONTRA O CÂNONE  
ARTE, FEMINISMO(S) E ATIVISMOS  
SÉCULOS XVIII A XXI**

**Seminário Internacional  
Porto Alegre, 2020  
24 e 25 de abril**

Sede  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

Organização  
Fundação Bienal do Mercosul – Bienal 12 Porto Alegre  
Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS  
Curso de Artes Visuais, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, UERGS  
Center for Latin American Visual Studies, The University of Texas at Austin, CLAVIS  
/ UT

Realização  
Fundação Bienal do Mercosul

Resistência, resiliência e feminismo na obra de Josely Carvalho

Laura Abreu \*

Josely Carvalho é uma artista multimídia, natural de São Paulo, que vive e trabalha em Nova York, mantendo ateliê também no Rio de Janeiro. Seu trabalho é o resultado da pesquisa e da reflexão pautadas sobre as questões relativas ao corpo, ao abrigo, ao exílio, à violência das guerras, ao meio ambiente e também àquelas relacionadas ao feminismo. O ativismo político e feminista da artista nos remete à década de 1970. Seu trabalho sempre foi e é uma forma de resistência. A artista que lê o todo de seu trabalho em forma de diários intitulou as obras de *Diário de Imagens*. Essas obras formam *capítulos* ou *livros*, narrativas do cotidiano impregnadas de questões que transitam entre o individual e o coletivo. Destacamos, por exemplo, a série *Na forma da mulher* (1970-86), em que focada em desenvolver projetos artísticos coletivos, abordou questões como estupro, gravidez e aborto. Obras dessa série participaram da mostra *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1965-1980* nos EUA e em São Paulo, em 2018. Citamos ainda o *Conexus/Connections Project* (1986), que desenvolveu junto com Sabra Moore e que reuniu 150 artistas brasileiras e norte-americanas num Livro de artista criado a partir de temas como *Corpo*, *Meio ambiente*, *Guerra* e *Morte*. Em 1990, a obra *Meu corpo é o meu país*, tocou em aspectos sobre pertencimento, abrigo e desamparo, que afetam a todos nós.

Em meados de 2000, trazendo à tona memórias que sempre estiveram por perto, a artista abriu o *Diário de Cheiros*, com a obra *Nidus Vitreo*, instalação interativa em que ela recria o ninho, eterno abrigo, por meio de galhos feitos de resina acrílica e criou pela primeira vez um cheiro, o do ninho<sup>1</sup>, que exalava da escultura por meio de dispersores. Outras obras como a instalação *Estilhaços*, de 2015, incorporam cheiros originais, que se tornaram elementos constituintes de sua obra plástica.

O que se pretende nessa apresentação é a reflexão sobre os sentidos e os significados, em especial, da instalação *Resiliência* apresentada em sua exposição *Diário de cheiros: Teto de vidro*, realizada no MAC/USP, em março de 2018. A mostra proporcionou ao público uma experiência artística/olfativa - permeada de sutilezas e nuances entre cheiros de bombas de dispersão e outros reconfortantes -, cacos de vidro e estilhaços que nos remetem a questões relacionadas aos conflitos sociais, políticos e àquelas profundamente relacionadas à mulher. A mostra reuniu três instalações trabalhando como conceito geral as barreiras invisíveis que nos limitam, nos colocam à margem, impedindo-nos de avançar e adentrar em territórios, marcadamente, ainda, masculinos. Por isso o título *Teto de vidro*, barreiras que existem apesar de transparentes.

A instalação *Resiliência* reúne esculturas de vidro transparentes (as Ânforas) que contêm seis cheiros criados pela artista. São eles: *Anóxia* (ausência de oxigênio no ar), *Pimenta*, *Poeira*, *Barricada*, *Lacrimae* (lágrima em latim) - que tiveram como referência aqueles que foram sentidos pelas ruas do Rio de Janeiro, por ocasião das manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, em 2013 -, e *Dama da Noite*, o elemento feminino. A *Dama da noite* sugere a fragilidade da flor e a força inebriante de seu cheiro, e representa também a pausa necessária para retomarmos o ar, além de ser a nota de esperança em meio ao mundo de violências em que vivemos. Não é à toa que para a artista esses seis cheiros reunidos representam o da *Resiliência*. Faz parte da instalação a escultura que recebeu o nome da socióloga e vereadora carioca *Marielle Franco*. Essa obra foi feita a partir de estilhaços de vidros que restaram pelas ruas da cidade após os conflitos anteriormente citados, que foram recolhidos pela artista.

O processo criativo e a trajetória artística de Josely Carvalho incorporaram na forma *site-specific* o seu discurso e nele encontrou a situação ideal para a realização de muitas de suas obras. O espaço onde a instalação acontece é essencial para que haja complementaridade

---

<sup>1</sup> A artista desenvolve os cheiros em parceria com a Givaudan do Brasil.

entre as peças e para que as alianças necessárias entre elas se estabeleçam proporcionando uma conexão e um envolvimento dela com o público. Na instalação *Resiliência* a artista criou um espaço e um significado uníssonos onde o protagonismo é a potência feminina interagindo objetos, sujeitos, sentidos.

Os cheiros, elementos essenciais na narrativa da artista, fazem parte da instalação como obra, não isolada, mas enquanto conjunto. Para o espectador, esse é um elemento novo, causador de estranhamento. Rosalind Krauss afirmou em suas pesquisas que “O novo é mais fácil de ser entendido quando visto como uma evolução de formas do passado.”<sup>2</sup> Nesse sentido é possível perceber que na instalação o espectador busca em sua memória formas semelhantes nas ânforas de vidro, esculturas transparentes que contêm as nanocápsulas impregnadas dos cheiros, por exemplo. Na tentativa de identificar a forma de cada uma delas há um certo conforto. Ainda será possível relacioná-las a algo que já se tenha visto. O desconforto poderá surgir pelo inevitável e incontrolável impacto provocado pelos cheiros que irão penetrar pelo nariz. Fora da visualidade, a partir de então, a experiência é abstrata, impalpável e particular. Algo novo, completamente novo, se apresenta.

Os cheiros são moléculas voláteis que flutuam no ar e detectadas pelo nariz são transmitidas ao cérebro, onde são processadas as informações olfativas. Estudos recentes<sup>3</sup> trouxeram à luz novas informações importantes, tanto sobre a estrutura do sistema olfativo, como as influências que exercem sobre ele o ambiente que nos cerca, em cada um de nós, de uma forma individualizada. Para o prof. Fábio Papes, do Instituto de Biologia da Unicamp: “Se os sentidos são distintos para cada pessoa, não somente porque suas fisiologias são diferentes, mas também porque a própria construção celular de seus órgãos dos sentidos não é igual, então devemos encarar cada

---

<sup>2</sup> KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Reedição da tradução publicada no número 1 de Gávea, Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio, 1984 (87-93), p.129. Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss\\_Rosalind\\_1979\\_2008\\_A\\_escultura\\_no\\_campo\\_ampliado.pdf](https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf) Acesso em: 03 dez. 2019.

<sup>3</sup> A pesquisa envolveu 17 pesquisadores de quatro laboratórios especializados no estudo da olfação, em três países. São eles: no Brasil, o Laboratório de Genômica e Expressão (LGE) do Instituto de Biologia (IB), Unicamp, cuja equipe é coordenada pelo professor Fábio Papes; nos Estados Unidos a Universidade de Duke e o *Monell Chemical Senses Center* e no Reino Unido o *Wellcome Trust Sanger Institute*, sendo neles as pesquisas coordenadas pelo professor Darren Logan. O resultado do trabalho foi publicado na *Revista eLife*, em 2017.

ser humano como único do ponto de vista sensorial”.<sup>4</sup> O que importa para nós aqui é lembrarmos que há uma individualidade sensorial: um determinado cheiro pode ser considerado de maneiras diferentes por diferentes pessoas, provocando diversas reações.

A instalação *Resiliência* cria um espaço olfativo/visual. O espaço olfativo provoca o perder-se em pensamentos, em memórias e sensações. Desfocando a atenção do mundo real visível para um mundo imaterial, que armazenou imagens, impressões e sensações. Reside aí, possivelmente, o desconforto do acontecimento inesperado que pode ser provocado por uma obra de arte olfativa, na verdade, multissensorial. Podemos fechar os olhos diante da experiência e, ainda, haverá uma imagem residual. Podemos tampar nosso nariz, mas ainda, as imagens e sensações acessadas persistem.

A arte nos requisita tempo, percepção. O tempo que hoje parece tão difícil de se ter para dar. Em nosso cotidiano tensionado pela sua falta, pela saturação de imagens, pelos cheiros das ruas e cidades, pelos apelos do consumismo em que a dispersão nos impede de assimilar e observar com atenção o mundo a nossa volta, até que ponto a arte nos possibilita recuperar a noção de um tempo possível, como também a nossa capacidade de observar, de refletir, de pensar, de perceber e de resgatar nossa capacidade sensível, nossos sentidos e reaprender a usá-los? Segundo a filósofa e historiadora Susan Buck-Morss que discorrendo sobre sinestesia, percepção e experiência, afirmou que numa “... situação de ‘crise na percepção’, a questão já não é educar o ouvido rude para ouvir música, mas de devolver a audição. Já não se trata de treinar o olho para ver a beleza, mas de restabelecer a ‘perceptibilidade’.”<sup>5</sup>

A instalação *Resiliência* expõe o pensamento e o olhar particular da artista sobre questões como conflitos sociais, o feminino em sua potência, a violência contra a mulher e o feminicídio e, na soma de tudo, seu olhar sobre a resiliência, a capacidade humana de lidar com as crises e superá-las.

Lembro aqui da escultura de vidro que tem dentro de si uma imagem que nos remete àquela de um cordão umbilical, onde repousa e exala o cheiro da flor dama da noite.

---

<sup>4</sup> GUIMARÃES, Maria. Variações do olfato. Revista Pesquisa Fapesp, São Paulo, ed. 255, mai. 2017. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/05/23/variacoes-do-olfato/>> Acesso em: 03 dez. 2019

<sup>5</sup> BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestética: uma consideração de A obra de arte de Walter Benjamin. In: Benjamin e a obra de arte. Técnica, imagem, percepção. BENJAMIN, Walter (et al.) org. Tadeu Capistrano. RJ: Contraponto, 2012. p. 169

O que pretendemos é também propor uma reflexão sobre até que ponto a crítica da arte contemporânea e nós como público estamos sendo capazes de refletir e acolher a expansão dos sentidos no campo da criação artística. Parece-nos que o olfato ainda é um obstáculo a se vencer, já que a expansão cada vez maior dos materiais utilizados pelos artistas atualmente parece-nos ser um fato quase totalmente incorporado. Como também pretendemos estimular a reflexão sobre questões caras de nosso tempo relacionadas com o campo da arte: as ameaças aos direitos da mulher e a violência que nos atinge.

A arte é um espaço expandido onde a resistência acontece. Em tempos que o individualismo e os mundos virtuais imperam, não perder de vista a noção do que de fato existe no mundo real parece-nos ser uma tarefa imprescindível.

Nesses tempos de crise, não é apenas o sentido da visão que está sendo requisitado pela arte. A visibilidade nas artes plásticas durante muitos séculos foi privilegiada, se comparada aos outros sentidos. Mesmo tendo sido impactada, em meados do século XIX pelo Impressionismo<sup>6</sup>, por exemplo. Transbordar os limites e romper padrões foi sempre o trabalho do moderno e do contemporâneo no campo da arte.

Nesse campo, Josely Carvalho, única artista no Brasil e uma das poucas fora dele, que cria cheiros que potencializam a sua obra, nos propõe a atenção aos sentidos, retomando-os como requisitos indispensáveis para acessar o mais potente de nós mesmos, a nossa sensibilidade, como, também, o despertar de nossa percepção amortecida.

A instalação *Resiliência* dá visibilidade ao que não se deve esquecer, reafirma que o campo da arte é, além de espaço de propostas estéticas, um lugar de resistência, de reflexão, de debate. Um espaço com potência transformadora.

\*Laura Abreu é historiadora da arte e curadora do Museu Nacional de Belas Artes/MNBA RJ. Atua nas áreas de pesquisa, curadoria de exposições e documentação de coleções. Das exposições de Josely Carvalho foi curadora da mostra *Diário de Cheiros: Nidus vitreo* no MNBA/RJ, em 2010, e *Diário de Cheiros: Teto de vidro* no MAC/USP, em 2018.

---

<sup>6</sup> CRARY, Jonathan. A visão que se desprende: Manet e o observador atento no final do século XIX. In: O cinema e a invenção da vida moderna. org. CHARNEY, Leo, SCHWARTZ, Vanessa R. RJ: Cosac & Naify, 2004. Disponível em: <[https://kupdf.net/download/jonathan-crary-a-visao-que-se-desprende-manet-e-o-observador-atento-do-seculo-xix\\_5b425f51e2b6f5ea2c0d730e\\_pdf#>](https://kupdf.net/download/jonathan-crary-a-visao-que-se-desprende-manet-e-o-observador-atento-do-seculo-xix_5b425f51e2b6f5ea2c0d730e_pdf#>) Acesso em: 03 dez. 2019. p. 67-93.